

## **Panorama da Inflação de Alimentos no Brasil, de 2007 a 2024 – Aumento Duradouro e Generalizado de Preços**

José Giacomo Baccarin – jose.baccarin@unesp.br

### **Introdução**

A intenção é ilustrar a variação de preços dos alimentos ao consumidor no Brasil, por nível de processamento e cadeia agroalimentar, no período 2007 a 2024. O IPCA (Índice de Preços ao Consumidor Amplo) é dividido em nove grupos, um deles o de Alimentação e Bebidas (IBGE, 2025). Este contém dois subgrupos, Alimentação no Domicílio e Alimentação Fora do Domicílio. A Alimentação no Domicílio é subdividida em 16 itens, que contêm 159 subitens. No presente texto, esses subitens foram reclassificados de duas formas, a primeira adaptando a proposta de Monteiro et al (2018), que classifica os alimentos pela extensão e propósito do processamento. A segunda, de acordo com a origem agrícola dos subitens, agrupando-os por cadeias agroalimentares.

Os dados da FAO sobre preços internacionais de alimentos indicam seu encarecimento relativo, desde o início do século XXI (FAO, 2025). No Brasil, isto demorou alguns anos para se manifestar. Entre 2001 e 2006, o IPAB (Índice de Preços de Alimentação e Bebidas) cresceu 50,9%, pouco menos que o IPCA, 55,3%. Contudo, de 2007 em diante, em apenas quatro dos 18 anos, 2009, 2017, 2021 e 2023 o IPCA superou o IPAB. No período 2007 a 2024, o IPCA cresceu 171,5% e o IPAB, 282,4%, com respectivas médias anuais de 5,7% e 7,8% (IBGE, 2025).

Não necessariamente pelas mesmas razões, os dois subgrupos da Alimentação e Bebidas tiveram aumento muito próximo, entre 2007 e 2024. O IPA (Índice de Preços da Alimentação Fora do Domicílio) cresceu 270,8% e o IPAD (Índice de Preços da Alimentação no Domicílio), 283,6%, ambos bem acima do IPCA. Daqui por diante, será considerado o acontecido com os componentes do subgrupo Alimentação no Domicílio, que representam próximo a 70% do grupo Alimentação e Bebidas.

### **Variação de Preços por Nível de Processamento**

Em relação à proposta de Monteiro et al (2018), o Grupo 1, dos alimentos *in natura* ou minimamente processados foi subdividido em G1 – alimentos *in natura* e G1.1 – alimentos minimamente processados. Os outros três grupos foram mantidos como a delimitação dos autores: G2 – ingredientes culinários processados; G3 – alimentos processados; G4 – alimentos ultraprocessados.

A Tabela 1 revela que todos os cinco agrupamentos registraram aumentos de preços acima do IPCA. Os mais altos ocorreram nos agrupamentos com menor processamento, *in natura* (G1) ou minimamente processado (G1.1). O G4, dos ultraprocessados, registrou a menor variação de preços. Ponderando a variação de preços pela participação na alimentação no

domicílio, percebe-se que a Contribuição para elevação do IPAD foi alta no G1 e G1.1, acima de 30%, média no G4, próximo a 18%, e baixa no G2 e G3, abaixo de 6%.

Dois corolários são estabelecidos. A evolução de preços dos alimentos teve efeito nutricional negativo, posto que aqueles com menor processamento e melhor qualidade nutricional ficaram relativamente mais caros. A indústria conseguiu absorver parte da elevação de preços de suas matérias primas agrícolas, o que pode estar relacionado a aumento de produtividade, redução da taxa de lucro ou ao nível de participação dessas matérias primas na estrutura de custo industrial.

Tomando os três agrupamentos que mais pesam nos gastos do consumidor, o G1 é composto por arroz, feijões, ovo de galinha e frutas, legumes e verduras. No G1.1 entram as carnes bovina, suína, de aves, pescado etc., os lácteos, café em pó e solúvel, farinhas e preparados simples. No G4 há uma gama diversificada de produtos, muitos usando diversas matérias primas agrícolas, entre eles, doces, confeitos, panificados e embutidos.

**Tabela 1 – Variação de preços de agrupamentos de alimentos de acordo com a extensão e o propósito do processamento, Brasil, 2007 a 2024.**

Agrupamentos	Número Subitens	% Subitens		Variação %		Contr. IPAD
		IPCA	IPAD	Total	Média	
G1	46	2,6	19,2	536,7	11,6	31,3
G1.1	57	5,4	39,9	335,6	7,7	40,7
G2	12	0,7	5,1	297,1	7,8	4,6
G3	17	1,1	8,1	226,5	6,5	5,6
G4	27	3,7	27,7	211,6	6,3	17,8
Total/Média	159	13,5	100,0	321,5	8,0	100,0

Fonte: IBGE (2025).

### **Variação de Preços por Cadeia Agroalimentar**

Além do reagrupamento dos subitens por cadeias agroalimentares, estas foram classificadas em Comercializável – com fluxos comerciais (exportação ou importação) acima de 10% da produção nacional; Medianamente Comercializável - fluxos comerciais entre 3% e 10%; Não Comercializável – abaixo de 3%. Ademais, considerou-se a agrupamentos Não Classificado, com origem agrícola indefinida ou composto por vários produtos agrícolas.

A Tabela 2 registra o aumento de preços das cadeias agroalimentares. A média aritmética da variação de preços foi de 321,6%, com coeficiente de variação de 40,6%, indicando grande dispersão em torno da média. A menor variação de foi a do cacau, de 119,1%, a única abaixo do IPCA, e a maior foi da laranja e citros, de 723,0%.

Estabelece-se que a pressão sobre o IPCA decorreu do conjunto de atividades agrícolas. Entende-se que o aumento da exportação de produtos de origem agrícola pelo Brasil, em momento de elevação de preços internacionais, é a causa mais geral da inflação de alimentos aqui constatada. Diretamente, a situação internacional puxou os preços internos dos alimentos de cadeias dos comercializáveis, importáveis e exportáveis, estes com alta competitividade internacional. Os estímulos produtivos aos exportáveis daí decorrentes acabaram por inibir o

crescimento da produção dos produtos com nível menor de exportação, resultando em pressão sobre seus preços.

O cálculo da média aritmética da variação de preços dos quatro agrupamentos aponta que o grupo não classificado apresentou o menor valor, aumento de 275,2%, de 2007 a 2024. Frutas e Hortícolas puxaram para cima a média e Indefinidos e Pescado para baixo. Nos outros três agrupamentos verificou-se que a maior exposição ao comércio externo não implicou em maior aumento de preços, pelo contrário. O maior crescimento ocorreu nos não comercializáveis, 373,5%, seguido pelos medianamente comercializáveis, 344,9%, e pelos comercializáveis, com aumento médio de 311,1%.

Tabela 2 - Variação de preços das cadeias agroalimentares, Brasil, 2007 a 2024, em ordem decrescente de contribuição para o IPAD.

Cadeias	Comércio Internac.	% Subitens		Variação %		Contr. IPAD
		IPCA	IPAD	Total	Média	
Bovinocultura corte	Com	2,4	18,0	445,9	10,6	26,5
Bovinocultura leite	MedCom	1,6	11,7	270,5	7,8	10,4
Trigo	Com	1,9	13,9	210,7	6,7	9,7
Indefinido	NC Class	1,4	10,1	221,9	6,8	7,4
Frutas	NC Class	0,7	5,3	299,9	8,2	5,2
Avicultura corte	Com	0,9	6,7	236,0	7,3	5,2
Hortícolas	NC Class	0,5	3,9	389,8	9,5	5,0
Suinocultura	Com	0,8	6,3	216,2	6,7	4,5
Arroz	MedCom	0,5	3,5	292,0	9,7	3,4
Laranja e citros	Com	0,1	1,1	723,0	13,5	2,6
Café	Com	0,3	2,2	364,0	9,9	2,6
Banana	NC Com	0,3	2,0	398,3	10,0	2,6
Tomate	NC Com	0,3	2,1	296,1	10,1	2,1
Avicultura postura	NC Com	0,2	1,7	363,5	9,2	2,0
Complexo soja	Com	0,3	2,0	273,0	8,9	1,8
Feijão	MedCom	0,2	1,5	342,1	13,7	1,7
Batata	MedCom	0,1	1,1	474,8	14,5	1,7
Mandioca	NC Com	0,1	1,0	436,0	11,7	1,4
Pescado	NC Class	0,3	2,1	189,2	6,2	1,3
Cebola	Com	0,1	0,8	432,5	16,9	1,1
Açúcar	Com	0,2	1,3	214,2	8,5	0,9
Cacau	Com	0,2	1,3	119,1	4,7	0,5
Milho	Com	0,1	0,4	187,5	6,4	0,2
Total/Média		13,5	100,0	321,6	9,3	100,0

Fonte: IBGE (2025).

Além da causa mais geral, é importante que se procure delimitar causas mais específicas da elevação de preços das cadeias. Não se fará isto aqui, apenas apresentam-se algumas pistas para este necessário complemento empírico. No caso do cacau, a cadeia com

menor variação de preços nos alimentos derivados, uma provável explicação é que ela contém um único subitem, chocolate em barra e bombom, caracterizado como ultraprocessado. Na de maior aumento, laranja e citros, pelo contrário, seus cinco subitens são todos *in natura* (suco de laranja, individualmente, não é pesquisado pelo IBGE). Acrescente-se que a produção da citricultura brasileira, muito concentrada em São Paulo, vem sendo impactada por diversos problemas sanitários e pelo avanço da área canavieira no Estado.

A bovinocultura de corte registrou a maior contribuição para a inflação da alimentação no domicílio, isto devido a sua grande participação nos gastos dos consumidores e por ter registrado o terceiro aumento de preços, após a laranja e citros e a batata. Somando a bovinocultura de corte, a de leite e o trigo, a contribuição para inflação no domicílio dessas três cadeias alcançou mais de 46%.

As outras fontes de proteína animal, avicultura de corte, suinocultura, pescado e bovinocultura de leite, tiveram preços variando bem abaixo da bovinocultura de corte. A avicultura de postura apresentou variação de preços intermediária. Entende-se que não se pode atribuir o aumento de preço da carne bovina ao chamado ciclo pecuário, seus reais fatores deveriam ser pesquisados com mais cuidado. Até porque o consumo de carne bovina está muito enraizado nos hábitos alimentares e na cultura brasileira, diferentemente do verificado no mundo todo.

Destacam-se também as cadeias que tiveram aumento de preços acima da média. Neste caso, além da bovinocultura de corte e laranja e citros, aparecem hortícolas, café, banana, avicultura de postura, feijão, batata, mandioca e cebola. Todas com alimentos com baixo nível de processamento e, com exceção do café e cebola, com comércio internacional pouco importante.

## Referências

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **Índice de Preços ao Consumidor Amplo**. Disponível em <https://sidra.ibge.gov.br/home/ipca/brasil>. Acesso em 20 de fevereiro de 2025.

MONTEIRO CA; CANNON G; MOUBARAC JC; LEVY RB; LOUZADA M LC; JAIME PC. The UN Decade of Nutrition, the NOVA food classification and the trouble with ultra-processing. **Public Health Nutrition**, v. 21, n. 1, p. 5-17, 2018. <https://doi.org/10.1017/S1368980017000234>.